

O CARÁTER COSMOPOLITA DA POESIA CONCRETA BRASILEIRA

Kedma Janaina Freitas Damasceno, Roseli Barros Cunha

Em seu ensaio “Literatura e Cultura de 1900 a 1945”, presente no livro *Literatura e Sociedade* ([1965] 2006), o crítico Antonio Candido menciona a significativa presença da dialética do localismo e do cosmopolitismo na evolução da nossa vida espiritual, ou seja, evolução do pensamento artístico e literário, manifestada dos mais diversos modos. Com isso, o presente trabalho tem por objetivo apresentar, em linhas gerais, as marcas do cosmopolitismo na poesia concreta brasileira, isto é, a ideia de algo que extrapola o “local” para abranger o “mundo”, representada por meio de uma poesia neovanguardista dos anos 1950 e 1960. Esta teve como seus precursores os poetas Haroldo de Campos, Décio Pignatari e Augusto de Campos e foi lançada oficialmente em 1956 durante a I Exposição Nacional de Arte Concreta, realizada no MAM (Museu de Arte Moderna) de São Paulo. A hipótese que norteará o trabalho é a de que o cosmopolitismo pode ser identificado tanto na forma, quanto no conteúdo, como ainda na divulgação da poesia concreta. Como base teórica, além de Antonio Candido, nos ancoramos em alguns estudos como *Poesia Concreta* (1982), de Iumna Simon; e “Poesia concreta: por dentro e por fora”, de Antônio Risério, publicado na revista *Vozes* (1977). Assim, foi possível concluir que, de fato, a poesia concreta apresenta um forte viés cosmopolita em sua constituição, pois caracterizou-se por sua forma estruturalista e geométrica, baseada em um paideuma internacional; desenvolveu um conteúdo despreocupado com as questões locais e realizou uma divulgação que visava principalmente alcançar o exterior, exportando as ideias concretistas para fora do país.

Palavras-chave: Cosmopolitismo. Vanguarda. Poesia. Poesia Concreta.